

COMPRAR

# AZULEJOS



*Semanario illustrado  
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.<sup>o</sup>  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
A LIBERAL  
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exciuplars

Segunda-feira, 20 de Julho de 1908

## OS NOSSOS

Brindes semanaes

Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000

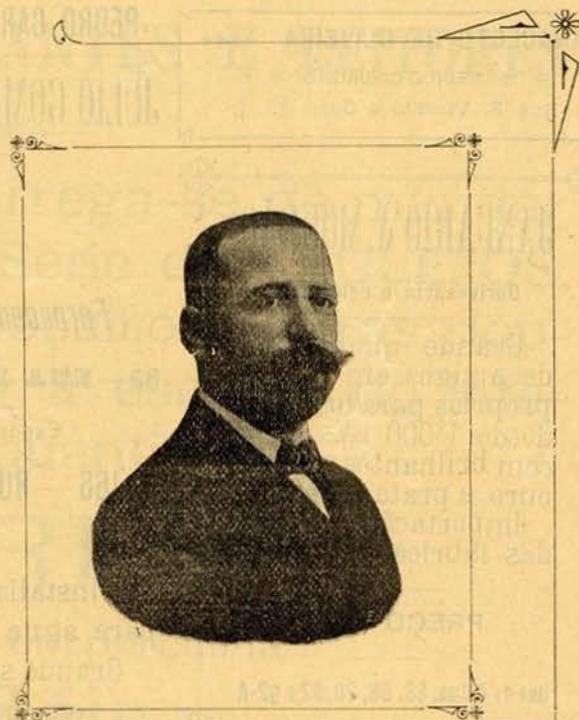
ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

1.<sup>a</sup> — Ver se n'estes numeros



Dr. João de Menezes

está contido o numero da **SORTE GRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 24 de **JULHO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 1388** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 30 de **JULHO** de 1908.

2.<sup>a</sup> — O possuidor do jornal premiado deve escrever-lhe o seu **NOME** e **MORADA** e entregar-o n'esta redacção ou enviar-o em **CARTA REGISTRADA**, afim de não haver extravio, até á **VESPERA DA LOTERIA** a que pertence o decimo sorteado.

3.<sup>a</sup> — Quando os decimos não forem requisitados no **PRASO D'UM MEZ, A CONTAR DA DATA DA LOTERIA**, ficam sendo propriedade do "**AZULEJOS**".

4.<sup>a</sup> — A este sorteio tem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos nssos **Agentes e Depositarios**.

# Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde

TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.

Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA +\*\*\*\*

♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦

Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 13000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade Grande sortido de lustres em todos os generos



EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS Arte decorativa Artigos para brindes

GATOPRETO

R. de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»

— «Adora o prazer em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violenciaes para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar depréssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o corpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfréga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discreção.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO

# O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECCIONAR  
20 MASCARAS ILLUSTRES  
das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até se-  
rem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

## UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

### O valioso premio da collecção mais artistica

#### Offerecido pela redacção

Um espelho de crystal *bisauté* montado em faiança allemã,  
com relógio e guarda-joias, sustentado por duas figuras de mulher  
que n'elle se miram. Estylo arte-nova

*Valor real 35\$000 réis*

Este precioso brinde encontra-se desde já exposto no  
Gato Preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.

### LISTA DOS PREMIOS

- 1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eugenio Costa, proprietario do Gato preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria do Céu Beça, nossa illustre collaboradora.
- 3.º—Uma pintura a oleo, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Bastos, um dos nossos directores artisticos.
- 4.º—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Leonia Paz Lopes.
- 5.º—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Maria Lopes, nosso illustre collaborador.
- 6.º—Um tinteiro feito em sola, pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria d'Oliveira.
- 7.º—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Julio de Mattos.
- 8.º—Uma machina d'escrever.
- 9.º—Um porta jornaes bordado—pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana.
- 10.º—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Januario & Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.
- 11.º—Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente igual aos que estão á venda em casa do offertante, Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Godinho, 54, P. dos Restauradores, 56.
- 12.º—Um almofadão desenhado a pyrogravura, offerta e trabalho do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luiz d'Oliveira.
- 13.º—Um quadro a aguarela, trabalho e offerta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Jayme Arthur Marques.
- 14.º—Bandeja em majolica com aros de metal branco, (diametro de 30 centimetros), offerta da Casa das Louças, 33, Rua da Palma, 35, propriedade do E.<sup>mo</sup> Sr. Pedro Carlos Dias de Sousa.
- 15.º—Um porta jornaes bordado, Offerta e dadiwa da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Perestrello da França.

(Continúa)

**COMPRA**

**ZOLÉIOS**

*Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÊ e LAMPARINA  
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
**20 DE JULHO DE 1908**

Condições de assignatura  
 (Pagamento adiantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS  
 Lisboa e provincias..... 300 rs  
 Colonias ..... 400 rs  
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6:000 exemplares.



**CHÁ**

**E TORRADAS**

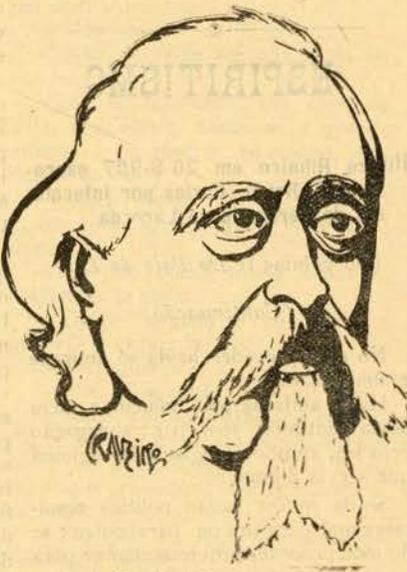


**L**u veraneio em Cintra. Dou-me a este sibaritismo todos os annos, desde a vespera de S. Pedro até tantos d'outubro.

Com os pulmões calcinados, durante um anno inteiro, pelas poeiras mefíticas da capital, o cerebro desoradoro pelos gritos dos vendedores de jornaes e pêla chiadeira dos eléctricos que, nas curvas, uivam como chacaes famintos; o olfato embotado pêlos perfumes baratos em que as pseudo-janotas de Lisboa ensopam os lenços microscopicos arrendados... de tantas *passagens*; envenenando o corpo pelo café do Suisso e a alma pêlo alimento (leia-se elemento) intelectual do Martinho; escorrida a algebeira, mercê de bastas sangrias que me fazem as mil e quinhentas instituições de caridade que me dão a honra de me contarem em o numero de seus disvelados protectôres; anemico de corpo, ético d'espirito, tísico de bolsa, tremido de consciencia (pois vejo tanta pouca vergonha que chego a pensar que a honestidade é um crime); apraz-me no dia 28 de Ju-

nho, pedir ao calvissimo porteiro do Paraiso (não do paraiso de S. Carlos, que esse foi elevado á categoria d'inferno), que, no dia 29, procure no molho que traz á cinta, a chave inglesa com que Byron abriu a porta d'esse Eden lusitano que se chama a

**Mascaras illustres**



Paulo Montegazza

serra de Cintra e me dê ingresso ua deliciosa mansão. Em regra, o Santo não se faz rogado, condoe-se do meu martirio de nove meses passados na gestação dum ideal de socêgo e agua frésca, anue ás minhas supplicas e manda-me entrar. Como o nêgro peccado da ingratição não põe a mais leve mancha na brancura da minha alma candida, pago ao Celeste Caréca o seu favôr, indo, no dia da sua

festa, em piedosa romagem ao arrabalde de S Pedro de Penaferrim, no louvavel intuito de rezar-lhe devotadamente, mas, como encontro invariavelmente a igreja fechada, limitome a bebêr dois decilitros de Colares tinto que o taberneiro me jura pela sua salvação sêr de Colares, mas que o meu paladar afirma sôb palavra d'honra sêr do diabo que o carregue (ao taberneiro, já se vê). A cada sôvo dêsse nectar tinto, quem sabe, pêlo remorso do patife que o vende, ponho os olhos no Céu e, mentalmente, faço uma saude a S. Pedro; limpo em seguida, com tôda a unção, a bôca á manga do jaquetão e vou-me d'ali ao largo da feira comprar o inevitavel leitão que trago, de pé amarrado á corda, até á deliciosa estancia onde habito e que dorme a meia encosta como a ponta dum navio a meia nau. A's vezes, por engano, trago um saloio pequenino em vez do porquito, e, tão parecidos são, que só no dia seguinte dou pêla coisa.

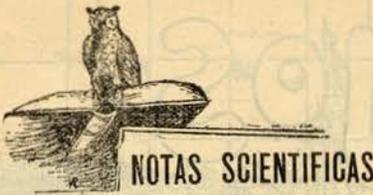
O saloio pae, esse, não dá por coisa nenhuma porque cria tudo na mesma pocilga.

Começam emfim as minhas férias, vou respirar o ar embalsamado da serra, encher as narinas e os pulmões com as acres mas purificadoras emanções da urze, do cáto selvagem, do espinheiro em flôr! Amanhã! Amanhã!

.....

No dia seguinte venho para Lisboa no comboio das 6 e 44 da manhã, trabalho como um moiro e regresso a Cintra ás 9 e 37 da noite. E assim seguidamente até *tantos d'Outubro!*

João Kevé.



## Chronica

### A Tuberculose e o trabalho moderno

Fôram as proprias condições da vida moderna que provocaram a generalisação da tuberculose em todas as camadas da sociedade, mas principalmente nas baixas classes. E' evidente que, por um lado, a phthisica consomme muito mais existencias que n'outro tempo, mas que tambem, por outro lado, a lucta pela vida, apesar do progresso e em razão do progresso, se tornou mais ardente, mais difficil ha um seculo para cá, approximadamente; a lei do trabalho sobretudo, — a mais dura que foi imposta á humanidade, — torna-se de dia para dia mais rigorosa. Evidentemente, não é isto razão sufficiente para attribuir a estas duas ordens de factos uma relação de causa para effecto; poderia não existir entre ellas senão uma simples concomitancia devida ao acaso. Se, porém, levamos mais longe a nossa observação, reuniremos bastantes elementos para justificar a nossa hypothese.

De que pode provir, com effecto, esta invasão da tuberculose na sociedade nossa contemporanea?

Da hygiene defeituosa? Mas a hygiene contemporanea é muito superior á de outros tempos. As cidades principalmente encontram-se hoje bem mais saneadas, a sua alimentação de agua potavel acha-se assegurada, todos os detritos vão sendo racionalmente evacuados; as ruas são mais largas, as casas de habitação mais ventiladas. E' no dédalo tortuoso das velhas cidades, sem ar e sem luz, que a tuberculose deveria ter feito vastos destroços nos seculos passados, e todavia tal não succedeu. Por outro lado, o homem alimentase melhor; goza de um conforto outr'ora desconhecido; o cidadão já não se vê encerrado na atmosphera mal cheirosa e viciada da agglomeração urbana; tem bom ar, dá-se aos jogos do sport, a sua existencia é mais conforme ás suas necessidades physiologicas. Porque será então mais vulneravel?

Simplemente porque essa modificação embora feliz da sua existencia não traz consigo apenas consequencias favoraveis; esse progresso paga-se com um tributo, com uma especie de resgate, cuja origem é desconhecida, mas que nem por isso é menos temivel. Em primeiro lugar, causa uma mudança na mentalidade do individuo e do corpo social.

O que caracteriza a nossa epoca, é a necessidade de bem-estar material, de luxo, de prazer, de que os nossos contemporaneos tão esfaimados se nos mostram. Essa necessidade não pode ser por elles satisfeita senão á custa de um labor muitissimo mais activo. De alto a baixo da escala social, cada qual procura extrahir do trabalho o seu maximo rendimento; d'aqui resulta um colossal excesso da fadiga em que todas as nossas forças se exgotam. E' nomeadamente no dominio do trabalho industrial que esta observação se impõe. O patrão, impellido pela concorrência, arrastado elle proprio por necessidades a cada passo crescentes, estabelece como principio a redução, a compressão da mão de obra e a sua adaptação brutal ao machinismo. A officina, o balcão, o escriptorio são para elle outros tantos terrenos de grande cultura que devem produzir o maximo, dispendendo sempre o minimo. Theoria economica, que se harmonisa muitissimo bem com os seus interesses, mas que arruina a saude de quantos individuos esse homem emprega. Com effecto, quantos logares de trabalho que são verdadeiros ninhos de tuberculose, sem ar, sem luz, onde as poeiras sujam uma atmosphera já viciada pela agglomeração dos operarios e pela falta de asseio dos locais!

(Continúa).

DR. LUCIEN NASS.

## ESPIRITISMO

Hintze Ribeiro em 20-8-907 escreve a El-Rei D. Carlos por intermedio de Fernando de Lacerda

(Do volume II *Do Pais da Luz*)

(Continuação)

No meu proceder havia só amizade e abnegação.

Havia amizade pelo homem, a quem devia gentilezas sem par; abnegação pelo rei, symbolo augusto do regimen que servia e amava.

Se da minha acção politica resultasse mal para um ou para outro; se do meu proceder proviesse damno para as instituições que me cabia defender, eu mais do que ninguem pungia esse mal e esse damno.

Tenho a consciencia tranquilla de que nunca commetti uma acção mal intencionada; de que nunca dei um conselho doble, de que nunca fiz uma solicitação cavilosa.

Ser Rei, Senhor, é ser o primeiro entre todos os do estado social do paiz; e como tal todos lhe devem respeito, verdade e franqueza. Creio ter sempre procedido dentro desta nor-

ma. O Rei, porém, a todos deve justiça e consideração. São obrigações mutuas, e no bom uso e cumprimento das quaes repousa o funcionamento regular, a boa execução e ordem dos negocios do Estado e do trato social.

O Rei deve procurar manter-se fóra e acima de todas as questões que a paixão politica e a vaidade dos homens possam desencadear.

Só assim as verá e apreciará bem; só assim poderá formar um são raciocínio e um criterio seguro, para as resolver com imparcialidade e justiça para todos, e com utilidade para o bem commum.

E' elle o poder moderador.

A denominação o define.

Moderando, regularizando, methodizando os impetos convulsos da agitação politica; estudando, modificando, corrigindo as manifestações apaixonadas dos interesses partidarios; velando, defendendo e protegendo o regular funcionamento do Estado, elle cumpre só o seu dever.

Piel da balança constitucional, deverá equilibrar-lhe as funções. E para que seja assim, precisa estar no logar proprio, em justissimo e adquado equilibrio, sem propender para lado algum.

Vivendo fóra das paixões politicas, a coberto das paixões partidarias, em região superior áquella onde tumultuam e refervem agravos, intrigas, traições, desgostos, venalidades, ambições e até aspirações legitimas e impaciencias desculpaveis e naturaes, deve o Rei procurar conhecer a verdade no meio de tudo, e saber o que convem ao bem geral da nação que lhe está confiada.

Não se deve deixar guiar, nem dominar por aquelles que, ainda nas melhores intenções, o podem enganar, por verem mal, obcecados pela intolerancia sectaria, pelos interesses, nem sempre respeitaveis, dos agrupamentos que representam.

Os presidentes do Conselho, são, quasi sempre, acima de tudo, infelizmente, os chefes de partidos, e é natural, e é humano, que vejam, na maioria dos casos, tudo atravez do prisma das conveniencias partidarias.

A dialectica, a logica, o raciocinio, são coisas que, bem imprpropriamente por vezes, são postas ao serviço d'essas conveniencias, para as mascarar, irmanando-as, amalgamando-as, confundindo-as, com os interesses geraes da Patria e das Instituições. Para as destrinçar, seleccionar e separar, é que o poder moderador se deve manter em situação alheia a ellas, conservando-se á distancia necessaria para poder ver bem a cór de cada força que se põe em jogo, de cada interesse que se debate, de cada principio que lucta no grande prelio politico da sua nação.

O Rei, Senhor, é a sentinella que guarda a constituição.

Mantendo-se o Rei no seu posto, vigilante, severo e cumpridor, nada sahirá fóra do seu logar proprio no

complicado mechanismo constitucio-  
nal.

O velho e fiel servidor de Vosso Pae e Vosso, abre as portas do desconhecido para vos vir dizer isto, desapaixonadamente, livre de preconceitos e de interesses. E' o cumprimento da sua ultima funcção de conselheiro, do seu dever de subdito fiel e amigo.

Antes de despojar-me das insignias da Torre e Espada quero cumprir a obrigação que ellas me impuzeram ao acceptal-as, se não no Merito, ao menos no Valor e Lealdade; assim como antes de se considerar livre dos deveres pesados que a posição de conselheiro me irrogavam, quero corresponder á regia confiança em mim depositada, fallando a Vossa Magestade com a sinceridade e serenidade de que sempre me prezei e de que, presentemente, mais do que nunca, posso, devo e quero usar.

(Continúa).



### O pequeno vigia lombardo

FOR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

— Bravo! sobe lá.

— Um momento, para tirar os sapatos!

Descalçou-se, apertou o cinto das calças, atirou ao chão o barrete, e abraçou-se ao tronco do freixo.

— Mas toma cuidado!... exclamou o official fazendo menção de retel-o, como se o assaltasse um temor repentino. O rapaz poz-se a olhar para elle com os seus bellos olhos azues como interrogando-o.

— Não é nada, disse o official, sobe lá!...

O rapaz trepou como um gato.

— Olhai em frente! gritou o official aos soldados.

Em poucos momentos estava o rapaz no topo da arvore abraçado ao tronco, com as pernas entre as folhas, mas com o corpo descoberto.

O sol batia-lhe sobre a cabeça loura que parecia de ouro.

O official mal o via, tão pequenino elle parecia na corôa do freixo.

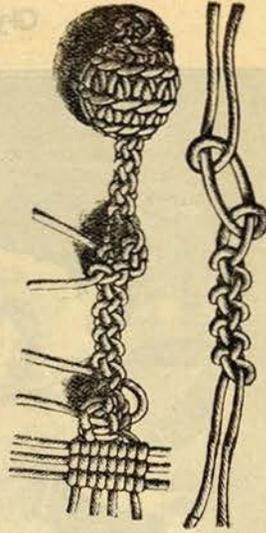
— Olha attento, e ao longe! — gritou-lhe o official.

O pequeno, para ver melhor, despendeu a mão direita da arvore e collocou-a sobre a testa em fórma de pala.

— Que vês? perguntou o official.

O rapaz inclinou a cabeça para elle, e fazendo da mão porta-voz respondeu:

## Modas e Confeccões



— Vejo, na estrada branca, dois homens a cavallo.

— A que distancia d'aqui?

— Meia milha.

— Movem-se?

— Estão parados.

— Que mais vês? perguntou o official depois de um momento de silencio. Olha agora á direita.

O rapaz olhou á direita, e depois disse:

— Ao pé do cemiterio, entre as arvores, ha qualquer coisa que reluz, parecem baionetas.

— Vês gente?

— Não... pode ser que esteja escondida entre o milho.

N'aquelle momento, um silvo de bala agudissimo, sentiu-se a grande altura, indo morrer ao longe, por detraz da casa.

— Desce, desce, que já te viram! gritou o official. Não quero mais nada; desce.

— Eu não tenho medo nenhum! respondeu o rapaz.

— Desce! repetiu o official... e que vês á esquerda?

— A' esquerda?

— Sim, á esquerda.

O rapaz voltou a cabeça á esquerda, e n'esse momento sentiu-se um outro silvo mais agudo e mais baixo do que o primeiro. O rapaz encolheu-se todo.

— Escapei por milagre: vinha direita a mim?

A bala tinha-lhe passado a pouca distancia.

— A baixo! — gritou o official imperioso e irritado.

— Desço já — respondeu o rapaz — mas a arvore defende-me, não tenha susto. A' esquerda é que quer saber, não é?

— A' esquerda sim — respondeu o official, mas desce!

— A' esquerda, gritou o rapaz voltando o corpo para aquelle lado... lá, onde está uma capella... parece-

me que vejo. . . Ouviu-se um terceiro silvo mais forte, e quasi em seguida, o rapaz cambaleando, agarrando-se por instantes aos troncos e aos ramos, caía de cabeça para baixo, no chão.

— Maldição! gritou o official correndo para elle.

O desgraçado batera com a espinha em terra e ficára estendido de costas, com os braços abertos. Um jorro de sangue golphava-lhe do lado esquerdo do peito. O sargento e dois soldados apeiaram-se logo, e o official debruçou-se sobre o ferido, abrindo-lhe a camisa. A bala tinha entrado no pulmão esquerdo.

— Está morto! exclamou o official.

— Ainda vive, acudiu o sargento.

— Ha! pobre valente rapaz! continuou o official; coragem! coragem!

(Continúa)

## Resando...

Agora o Sol succumbe tristemente,  
N'um rutilo stertor, em Soledade,  
Para amanhã surgir na suavidade  
Da bemdita allélua do Nascente.

Nasce sorrindo redemptor e crente  
Jorrando luz, amôr, felicidade...  
Talvez para morrer de piedade,  
Por todos nós, no fôgo do Poente!

Podesse o homem renascer um dia  
Singelo e bom, após a desventura  
De ver desfeito o sonho em que vivia...

E como o Sol pudesse o «Sem Ventura»  
Fruir a Luz da esperança que o envolvia  
Nos tempos, que não voltam, de candura...

LUCIANO D'ARAÚJO

## CONTRITA

Eras altiva, imperiosa e dura!

E dos martyrios do meu peito rias!

D'esta amargura tão febril sorrias,

Emquanto eu triste maldizia a dôr.

— Sorriso louco, tão traidôr, nefando,

Que tantas vezes em teus labios vi!

Ai, quanta dôr no coração senti!

E quantas vezes eu chorei d'amôr?!

Meu coração amargurado, triste,

Sem uma esperança se nutria louco;

Já dos martyrios se sentia rouco;

Como era triste meu cruel viver!

Humildemente te pedia um beijo,

Um teu sorriso, um teu olhar, Alzira;

E arrogante, magestosa e dura,

Sorrias louca d'este meu sofrer!

O triste rôsto macilento, pálido,

Eu escondia envergonhado, amôr,

Das lindas aves, da mimosa flôr,

Da linda rosa virginal d'abril.

Ai, minha ingrata que martyrio atroz

Por ti soffria o torturado peito,

Pelo martyrio tão cruel desfeito,

Por tua causa, minha flôr gentil!

Mas, ai... um dia, ó desbotado lyrio,

Perdeste a linda e virginal capella!

Que é feito agora do pudôr, ó bella?

Já não sorris do meu febril penar?!

Choras agora arrependida, ingrata?

Choras agora contristada a dôr?

Oh! chora, chora, desditosa flôr,

Que eu rio agora d'esse teu chorar!

Porto.

PINTO FERREIRA.

## Gratidão

Ao meu illustre medico assistente,  
Senhor Fulano Vaz Pantaleão,  
Em signal de profunda gratidão  
Vou dedicar tres linhas piamente :

E' medico capaz e intelligente,  
Um bondoso, um nobre coração,  
Consagra aos seus doentes afeição,  
Tratando-os com carinho, docemente.

Já velho no saber e na exp'riencia,  
Tem causado bastantes alegrias ;  
E' um verdadeiro homem de sciencia.

Eu devo-lhe o maior prazer do mundo :  
Pois foi elle que, ainda ha poucos dias,  
Matou a minha sogra n'um segundo.

M. CHAGAS.

## MORTO

Conto por Arthur Doria

(Continuação)

Pedi um copo de cerveja Pilsener, e pôz-se a saboreal-a aos gólos, volta-da espiritualmente para o desconhecido. Como devia ser generoso! Por uma extranha, esquecia-se de si proprio, do futuro esplendente alcançado á custa de mil sacrificios e canceiras, dos seus paes e amigos, offerecendo-se em holocausto á virtude e dignidade, injusta e cobardemente abocanhadas por meia duzia de depravados!

E levava-o a sua generosidade impulsiva a occultar-se, a fugir a agradecimentos, a não affligil-a com a verdade inteira... N'esta altura, entrou um amigo de collegio do seu marido que, vendo-a, se lhe dirigiu com um risinho á flôr dos labios: «Ella já sabia da novidade sensacional, de que todo o Espinho estava ao facto? Não se fallava n'outra coisa senão no duello, e esperavam-se com furôr os jornaes do Porto do dia seguinte... Como aquelle patinho do estudante, poucos, hein?»

E, assestando com modos insolentes o monoculo, circumvagou a vista pelos que estavam e, inclinando-se, apontou-lhe o heroe, — indolentemente sentado, bengala entre as pernas, fumando um cigarro.

Logo a seguir o academico saia. Ella pagou e foi-lhe no encalce. E que vissem, e que fallassem? precisava vorventura de dar explicações a alguém, merecia-lhe a pena incommodar-se sómente com a lembrança de que algum morcego a comparasse á mais réles prostituida? Era livre, e desde que o marido não lhe coarctava a liberdade — fiando n'ella, os outros que fôssem bugiar. Não lhe faltava mais!

Caminhava, agitadissima. Dir-se-ia que se arreceiava de papão invisivel... Ella, a rainha dos salões, a rainha do

## Pelos theatros

### Gymnasio



Sultaniça e Johnson

espírito, que dominava com um sorriso e vencia com um gesto, tremia como varas vêrdes. Experimentava um mal indizível, como se aquelle ar frêso fôra nocivo aos seus pulmões. Nunca se vir assim, tão fraca de si mesma. Parecia-lhe, ao tocar-lhe no hombro, — um pouco adiante, no areal junto á capella que o mar, no inverno, lambe soffregamente, que o sangue a paralyzára toda e que uma voz, erguendo-se a subitos do entrechocar das vagas, a accusava do disparate que se permittia tomar de contactar uma coisa sagrada, divina. O academico com um: «Ah! é v. ex.ª?» succediu-á d'aquella sua timidez infantil para a fazer cair das nuvens: O quê! aquella exclamação dita com a tranquillidade e quasi certeza de que ella viesse, e pronunciada antes de saber quem era, pois nem sequer olhára... Incrive!l, incrível! E como se, desde muito, mantivessem intimidade d'amantes, a marqueza sentou-se-lhe, lado a lado, esforçando se por explicar a sua vinda. Só passado um bom bocado é que se safu com este disparate: «O que fazia ali?»

(Continúa).

N'um dos quadros da engraçada peça de A. Brun, *Revista de Cupido*, tem sido acolhidos com geral agrado publico a desenvolta e *saltorosa* Sultanita, nas suas danças inglezas, e o engraçado Johnson, infatigavel todas as noites nos seus variados trabalhos.

Os dois artistas, de quem publicamos uma photographura attendendo aos applausos com que o nosso povo os recebe todas as noites, constituem uma bella aquisição da empresa Saragga, que se tem esforçado para apresentar espectaculos alegres e variados. Na *Revista de Cupido* estreou-se um quadro novo, que agradou aos frequentadores d'aquella casa d'espectaculos.

### Guitarra de Romanol

57

Assim como o calendario  
Dia a dia muda a folha,  
Tens um amante diario  
E nunca acertas na escolha.

58

Se a morte vier buscar-te  
Faz-m'o saber, minha amada,  
Pois eu quero a minha parte  
Na tua nova morada.

59

Sem que ninguem o supponha  
Ou mesmo desse por tal,  
Morreu de fome a vergonha  
Em terras de Portugal.

60

Onda que á praia chegou,  
No rochedo a morrer vem,  
Como os suspiros que dou  
Vão findar no teu desdem.

61

Lá vae rasgando o arado  
Fundo sulco em terra chã,  
E d'esse risco sagrado  
Brota o dia d'amanhã.

62

Repara bem, analysa,  
Que roubos são vis acções,  
A vaidade não precisa  
P'ra viver dois corações.

## SUBTIS

« Estas são as aguas da  
contradição em Cades, no  
deserto de Sim. »

Biblia — Numeros — 14 —  
cap. XXVII.

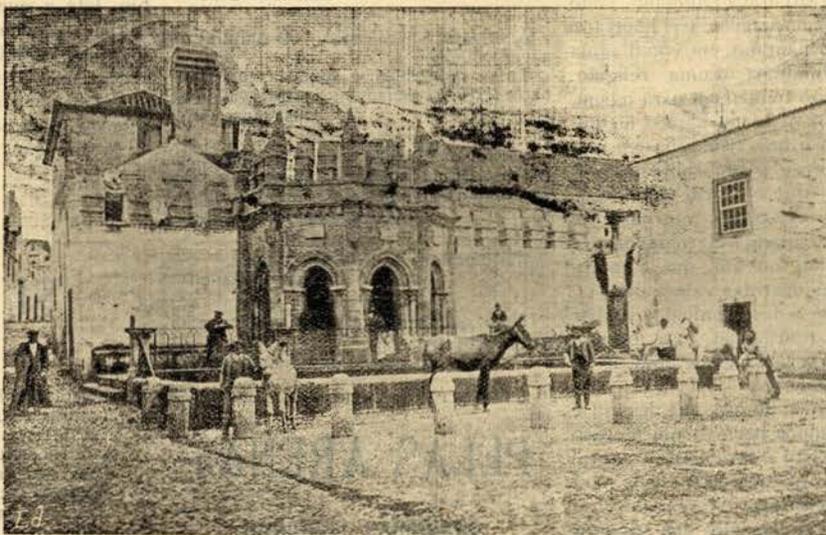
Na Hora Expansiva — perceberam  
que se tinha acabado de jantar? —  
quando o subtil psychologo X, já dei-  
tára na chavena do café o quarto

— os lentos suicidas do espirito — e  
que se chamam os Rebeldes.

Não tens posição e queixas te, quan-  
do é essa a mais galharda das tuas for-  
ças: — é essa humilhação — para El-  
les — que te pde justificar o orgulho  
com o freio nos dentes a arrastar-te  
pelos despenhadeiros e a deixal-os ex-  
taticos d'assombro e espanto. Esmiu-  
cemos: tu não tens a força, nem os  
tantos mil réis mensaes restrictos para  
aceptar a vida — mas precisas tel-a e

que conhece os deboches da derradei-  
ra das ultimas marafonas te seja fiel  
— a que uma mulher te dê um bem  
estar de subtilissima felicidade? Atu-  
rarias uma riqueza a dar-te agulhadas  
de burguez endinheirado e levando-te  
a umas capitaes onde a burguesia é  
tão guiseira como a nossa, onde a to-  
leima é tão triumphante, onde o deses-  
pero da hora é tão lento, onde o sub-  
bornar do metal é tão secundario, e,  
como differença, apenas encontras mu-

## Portugal pittoresco



TORRES VEDRAS — O chafariç dos Canos

phosforo do terceiro charuto accendi-  
do, o Antagonista — seu companheiro  
d'expansão — fitando-o com o olhar  
vaporizado pela athmosphera confor-  
tante e os rolos cinzentos do fumo que  
subia ao tecto, disse-lhe:

— Entro na vida desilludido. Sou  
victima do mais extraordinario dos  
organismos — é do mais medonho. As  
cousas mais exteriores enthusiammam-  
me e as mais admiraveis esfriam-me.  
Não tenho posição, nem vontade de  
obtel-a; sou desambicioso, e creio que  
apenas por egoismo ou desleixo, pois  
que a ambição só se justifica com o  
trabalho e eu não tenho nem essa von-  
tade, nem essa coragem.

— Coragem teml-a ao menos para  
confessares o tenebroso estado do es-  
pirito — e justifico-te. E' a tua supe-  
rioridade. O mundo exterior é sufici-  
entemente despresivel para poder comu-  
nicar virilidade a outros, que não  
sejam os inferiores ou a esses raros

tel-os. Resigna-te, e essa resignação  
será um pretexto para as tuas expan-  
sões.

O Communicativo media as pala-  
vras que lhe saiam magicas d'impregna-  
ção convincente; e os beijos unidos  
solemnisávam a justiça e a firmesa  
com que as lançava ao Antagonista.

— A tua resignação explico-a, obser-  
va este. Viveste mais dez annos do  
que eu — e os teus trinta e cinco não  
são mais desalentados do que os meus  
vinte e quatro — mas não tens um  
sangue borbulhando-te nas arterias,  
escaldando-te a cabeça, formigando-te o  
peito, a desintellectualisar-te n'um con-  
vulsionar inquieto.

— Uma cousa te salvará. Trabalha  
á desfilada — um trabalho inconscien-  
te, louco, desregrado, e, sem lucro. O  
lucro mata-te. Em amor, ouve bem,  
tu tens necessidade de seres traído; e  
na vida, tens o dever de seres pobre.  
Preferes que uma cantora de theatro

heres mais posticas e mais ridiculas,  
homens mais inferiores, mais nullos e,  
derivadamente tão repugnantes — se  
é possível — theatricas mais ordina-  
rias — ou tanto! — exterioridades mais  
provocantes, e uma desfaçatez mais  
comica, por ser mais responsavel? Ou — e o sorriso de X. tomou um  
cambiante alegre — ensaia a observa-  
ção no amor. Segue a femea noctur-  
na que sorri ao caixeiro da loja de  
modas para obter um abatimento de  
dez tostões n'um córte de vestido, ou  
a que se lhe entrega para ter forneci-  
mento gratuito. Ha essa especie de  
mulher mathematica aqui, em Paris,  
em Madrid, em Roma, no mundo.  
Observa a rapida implantação, em  
Lisboa, da mulher moderna: a mulher  
com tres homens: — o sustentador, o  
marido, e o amante de coração.

<sup>1</sup> N'isto ha muita amargura, muito ased-  
me — e talvez alguma verdade.

O sustentador dá posição ao marido, o theatro e a *toilette* á amante; o marido acompanha-a; o amante, o enganado por todos, só encontra compensação em ser o unico amado e o sublime (e o ridiculo) da comedia. Esta femea é uma madame de Moraines lisboeta, isto é, alugando quartos para hospedes, com comida ou sem, saindo a fazer compras com o gallego atrás, e lavando os pés de quinze em quinze dias<sup>1</sup>.

A observação de todos estes corriqueirismos dar-te-ha uma nota consoladora ao teu desdem e calorificará a tua psychologia, para só incluíres no teu respeito os sentimentos que libertam a alma e a sublimam, e fassam purificar pela piedade, o pobre, o eterno, o lodoso coração humano. Tudo quanto é ideal precisa ser libertado e erguido do pantano, em vôo d'agua real, aos dominios d'uma religião. «O mundo não tende nem para o bem, nem para o mal; tende para o medio cre; em tudo o que triumpho é o mediocre» escreveu o teu subtil e doloroso Renan — que tambem disse.

«Antistius renascerá eternamente para ser derrotado eternamente; e descobrir se-ha, no fim, que a totalidade das suas derrotas valerá uma victoria. Deixae o doce sonhador acabar tristemente, renegar se a si mesmo, pedir perdão a Deus e aos homens de todo o bem que fez.»

E conheces a phrase que ha mil e novecentos annos berrava um leproso em Sparta: «Isto é agora, isto é agora! o que será, quando as nuvens para darem as enxurradas tiverem de vir á terra beber as lagrimas dos amantes inconsolaveis!» Ai, mas as nuvens beberão as lagrimas dos inconsolaveis que subiram a traição da mulher e deixarão formar oceanos com o pranto dos doces sonhadores que amaram o espirito.

CALDAS CORDEIRO

## Aos nossos collaboradôres musicaes

Temos recebido grande quantidade de musicas, o que muito nos penhora e sinceramente agradecemos.

Infelizmente, somos obrigados a demorar-lhes a publicação, em virtude, do numero de chapas, accumuladas nesta redacção, com direitos de antiguidade adquiridos.

Queiram desculpar os nossos illustres collaboradôres, que teem neste semanario as suas composições approvadas, a tardança na sua publicacão.

Na quarta serie, sairão quasi todas.

<sup>1</sup> Esta jogada pelo doutor Vasconcellos ás donas de casas d'hospedes é uma insidia que carece d'explicação. Elle viveu anno e meio em casa d'uma D. Julia de Sampaio, rua do Ouro, 320, 4.º e pôde bem ser que o seu espirito de subtilizador se aguçasse para faser da gorda D. Julia uma madame de Moraines, e d'elle, d'elle, que amava o coelho da Porcalhota, o mexilhão e as sardinhas assadas, um Réné de Vinci!

## Transcripção

A *União Espirita*, importante folha de propaganda que se publica no Rio de Janeiro, teve a amabilidade de transcrever uma communicacão attribuida ao saudoso poeta João de Deus, que veiu publicada no nosso numero 1.º Ao presado collega enviámos os nossos mais sinceros agradecimentos.

## Pensamentos

Os cargos eminentes são como os neurididades dos penachos; só as aguias ou os reptis lá podem chegar.

MADAME NECHER

A vaidade é o calcanhar de Achilles do genero humano.

Todos o possuem e aquelles que dizem não o ter, são exactamente, os mais vaidosos.

CHATEAUBRIAND

Coração feminino, mistura de esforço e timidez, de energia e de fraqueza que será sempre para a philosophia um misterio.

ALEXANDRE HERCULANO

Muito reparar é inclinação a amar.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Tudo que agrada a uma mulher está bem escripto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

## PELAS ARENAS

### CHRONICAS TAURINAS

Se não fosse o nome laureado de Manoel Casimiro, de certo que a praça do Campo Pequeno não teria no dia 12 a enchente que lá se viu.

O cartaz não se pode dizer que fosse dos peiores, mas com franqueza, quando vimos que o *Bombita* no domingo anterior apenas conseguiu levar lá publico para meia casa, não era licito suppôr que uma corrida com o *Revertito* fizesse o milagre.

Não deve o beneficiado estar contente com o resultado da festa — a não ser o resultado monetario, que esse sim, foi bom.

Pode mesmo dizer-se que a corrida foi a peor de todas as da época.

Os touros do sr. Emilio Infante foram para isso o maior factor.

Verdade seja que os artistas quasi na generalidade, lhes deram lide contraria, mas inda assim, mesmo que tal não succedesse, não era esta corrida que levantaria o pavilhão de Valle de Figueira.

O beneficiado foi o primeiro a estar infeliz. Sahi a tourear o 5.º que não se prestou á lide montada, e voltou novamente a entender-se com o sexto, que estava destinado a ser corrido a pé. Pouco, fez, assim como no 9.º que era um manso.

José Casimiro, foi o heroe da tarde. Muito bem no 1.º e muitissimo bem

no 7.º. Verdade que n'este teve uma boa ajuda de Torres Branco, que sempre á direita do cavallo, e reconhecendo como José Casimiro, a lide que o touro requeria, lh'o punha em sorte, o que deu em resultado o cavalleiro fazer figura brilhante e receber uma grande ovação como premio do seu trabalho.

Da gente de pé não merece a pena fallar, pois que todos elles pouco de bom fizeram, e todos elles, tambem, fizeram muito de mau.

Na corrida entrou, sem estar annunciado, o novel bandarilheiro João de Oliveira.

*Revertito* esteve pouco feliz, ainda assim cravou tres pares no 4.º da manada, sendo os dois primeiros a cambio, lide a que o animal se recusava e que o espada queria continuar. Com o capote e muleta luctou com o vento e com os touros.

Pegas, uma de recurso, sem merito, e outra mais de volta.

A direcção, demorada ás vezes.

ÉMECÊ.

## SUPLICA

A R...

Quando em horas solitarias  
Sentires algum rumor;  
Não te assustes, meu amor;  
São tristes suspiros meus,  
Que vagando como párias  
Nessas horas solitarias  
Vão por mim dizer-te adeus.

Como o pobre a mendigar,  
Imploram a compaixão  
Do teu celso coração;  
E desse sagrado archivo  
Do sentimento mais nobre,  
A mendigar como o pobre,  
Esperam meu lenitivo.

Dá-lhes, sim, um branco lyrio  
Receita maravilhosa,  
Mas sê nisso generosa,  
Escolhe então a desejo

Allivio p'ra o meu martyrio;  
Tem dó de mim, branco lyrio  
Envia me um casto beijo!

Porto, maio de 1908.

A. Souza.

## Cumulos

Accender o *Lamparina*.

Subir ao largo da Estrella dum theatro.

Fundir o chumbo dum exame.

Ladrilhar uma chaminé com o «Azulejos»

Escrever com as penas do coração.

Guardar agua numa quarta de linha.

*Policial*: — Andar parado.

## FEITICEIRO DAS TREVAS BORDADOS E RENDAS

Consulente: — *Olivia S. M.*

A desventura que tem minado a alma da consulente deve ser considerada apenas como uma fita de cinematógrafo, scintilante, incisiva, violenta, porém fugaz, passageira. Leio nos astros que a espera uma situação muito vantajosa, quando, não sei, mas tudo leva a crer que brevemente a tristesa deixará de aborrecer o mundo, a sua irratibilidade desaparecerá como por encanto e tornará a adorar o prazer.

Tudo o que, de mau lhe tem acontecido é filho da sua pouca prudência, defeito do qual deve emendar-se. Não menor dano lhe tem produzido o desânimo que se tem apoderado de todo o seu ser; reaja contra elle; é absolutamente necessario que o faça, para que o proximo a não tome por idiota e faça da consulente *gato-sapato*. Vêjo que é muito pensativa; isso prejudica a muitissimo; distrae-se com o trabalho.

Perca o habito de fazer estalar os ossos dos dedos: não pode imaginar a péssima repercussão que esse mau habito tem no moral.

Leio na sua sina que tem grande tendencia para a prodigalidade: seja esmolter, nada avarenta, mas não atire com o dinheiro á rua.

Todas as pessoas que se digam suas protetoras, ser-lhe-hão mais prejudiciaes do que uteis.

Hade casar, mas não com quem deseja n'este momento. Seu espôso amal-a-ha muito e seus filhos tambem.

Consulente: — *Carlos C. G.*

O Snr. hade ser toda a sua vida o que se chama: *um lunatico*. A par da poderosa imaginação creadora que Deus lhe deu, aparece uma fantasia louca que lhe escangalha o arranjinho dos miólos.

Não se admire pois se, na sua posição social, nos bens de fortuna, houverem alternativas de mar cheia e baixa-mar.

Que creatura extraordinaria o Snr. é: umas vezes corajoso como um leão, outras, tímido como um gazéla.

Tem tendencia marcada para a avareza: cure se dessa terrivel doença.

O Snr. aprecia imenso a *melodia*: cuidado, olhe que o adormecem com cantigas.

Consulente: — *Paulo B. G.*

O Sar. não é má pessoa, a verdade mande Deus que se diga; acho-o incapaz de deixar de pagar as suas contribuições ao Estado, quando este lh'as pedir, ou de, se chegar a ministro da Fazenda, o que Deus afaste, fazer um adiantamento ilegal, seja a *Quem fôr*. É susceptível de ser um bom marido e um bom pae, levar os



meninos e a espôsa, aos sabados á noite ao animatógrapho e aos domingos á tarde ao Coliseu dos Recreios. Tem a linha dos que enfiam á noite, ao deitar, o classico barrête de algodão branco na cabeça e dos que apagam a luz da véla de estearina com uma caixa de fósforos de pau. As suas faculdades digestivas permitir-lhe hão considerar como *non plus ultra* da arte culinaria, o pudim de pão á portuguesa, a sôpa d'agrião com ovos e o chouriço moiro com favas (estas que amargem). Preferirá a bisca ao *bridge*, as *Duas Orfãs á Rajada*, a *Vida do Marujo aos Mestres Cantores* (tem razão talvez) e as Marias da Purificação ás Lauras de Menezes. A sua filosofia, o seu ideal, serão de certo girar em volta da sua propria existencia com a monotonia dum satellite viajando em torno do seu planêta. Mas... mas... Venus em má posição presidiu á sua entrada no mundo e este planêtazinho, quando lhe dá para colocar-se a umz esquina, de navalha aberta, á espera dum pacato burguez, de chapéu alto lustrado a petrólio e bengála de unicórnio inteiriça, é capaz de fazer-lhe ao coração o que os *apachos* da minha terra fazem nos bairros excéntricos de Paris aos transeuntes noctivagos.

Eu tive um professor de latim que, nos interrégnos das declinações do *Currus*, *Currus* e quejandas teias d'aranha com que me atapetava as circumvalações da memoria, me dizia que as mulheres constituíam o mobiliario com que o homem adornava luxuosamente os compartimentos do coração. Ora o Snr. é daqueles que nunca está contente com a côr do estôfo das suas cadeiras, com as panélas da sua cosinha, com os cabides do seu corredôr e... é disso que eu tenho medo.

Receio que salte da colina do chouriço moiro para a montanha de trufas, que se afaste da placida ribeira de Cartaxo a tostão o litro para se afagar num mar de Champagne a três mil réis a garrafa, e tudo isto por têr quebrado as cadeias que o ligavam ás Marias da Purificação para se constituir prisioneiro nas *nasmôrras* doiradas onde são carcereiras as Lauras de Menezes ou doutra qualquer coisa.

Se eu fôsse o Snr. deitava ferro no mar da Purificação e metia a Laura a pique.

Ou não?

G. C.

## FILHO

Estendido no berço o fragil ente,  
O pequenino filho abandonava  
O mundo. Junto delle a mãe chorava  
Em estridulos gritos de demente.

Pois se ella tinha aquelle unicamente!  
E até sem aquelle unico ficava!  
Maldita a negra morte que o levava  
Tão cedo ainda, angelico, innocente.

Subito abriu-se a porta do aposento  
E um medico alto, velho, appareceu.  
Caminhou para o berço em passo lento.

Ao pequeno um olhar triste voltou;  
E tomando-lhe o pulso sem alento  
Em tom phlegmatico exclamou: morreu.

ABEL GOMES BOTELHO.

## CURIOSIDADES

**Graphologia.** — É uma sciencia cujos adeptos são tanto mais numerosos, quanto é certo que com pouco trabalho, se chega facilmente a discutir o caracter das pessoas, a idade e mesmo a condição.

Or Balzac por muitas vezes se occupou d'assumptos graphologicos e tinha mesmo a vaidade, de saber muito sobre tal materia. Apesar disso succedeu-lhe um dia uma pittoresca historia, que o desgostou muito, no respeito que consagrava a tal sciencia.

Foi o caso que uma dama amiga o foi procurar, para lhe pedir que examinasse os cadernos da escripta dum rapazito de 12 annos e dissesse a sua opinião sobre o caracter e o futuro dessa creança.

Balzac, depois de ter lido attentamente a lettra, olhou para a senhora com certa inquietação e perguntou se ella era mãe do estudante.

Como a resposta foi negativa, o notavel escriptor disse estas palavras:

— Pois bem! minha senhora, esta creança é estúpida e maluça; nunca fará nada e, se fosse meu filho, tirava-o do collegio e dava-lhe um officio!

A dama soltou uma estridente gargalhada. O estudante era o proprio Balzac, a quem tinham pertencido os cadernos encontrados dentro de uma caixa.

## Semana Alegre

No tribunal: Um pobre diabo está sentado no banco dos réus.

— Como é que foi parar á prisão? pergunta-lhe o juiz.

— Levaram me dois policias.

— Talvez por embriaguez?

— Sim, senhor juiz; estavam ambos a cair de bebados.

## VARIEDADES

**Bolos de batatas** — Põe-se em ponto baixo meio kg. de assucar, deita-se 250.g de amendoa pizada e deixa-se coser. Depois tira-se do lume e deita-se-lhe 250.g de batata ralada e 12 gemmas de ovos batidos.

Vae de novo ao lume e deixa-se enxugar até fazer estrada.

Depois de fria, fazem-se bolos que vão ao forno.

## POSTA RESTANTE

Virgilo de S. — Nada pudemos dizer. Vão por ordem de recepção.

**QUAL É A COISA,  
QUAL É ELLA?**



**O GRANDE CONCURSO**

DA 3.<sup>a</sup> SERIE

**Cinco premios**

- 1.<sup>o</sup>— Um relógio d'ouro **Zenith**.
- 2.<sup>o</sup>— Uma palmatoria de prata.
- 3.<sup>o</sup>— Uma biscoiteira.
- 4.<sup>o</sup>— Uma colleção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.<sup>o</sup>— Uma assignatura gratis para a 4.<sup>a</sup> serie.

**Condições do Concurso**

- 1.<sup>a</sup>— Decifrar, durante os 15 numeros da 3.<sup>a</sup> Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
- 2.<sup>a</sup> Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.<sup>a</sup> condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:  
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- 3.<sup>a</sup> A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- 4.<sup>a</sup> As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

**Decifrações**

Do numero 40

*Aloã—Bituva—Marmino—Xacôco—Caça, cojaça—Agulha, agulhão—Dabel, Abel—Sentor, mentor—Mutum—Coração partido é sempre combatido—Raposa que muito tarda caça aguarda—Dá nó não perderás ponto—Cru—Luco.*

**Decifradores do N.º 40**

*Sombrio, 11—Lítras, 12—Sado, 10—R. Passos, 8—Ziram, 14 (Todas)—Um Cabo do 11, 11—Bôavida, 12—Açnarepse, 9—Jó Fera, 10—A. J. Teixeira, 7—Zé João, 14 (Todas)—Ramito, 8—Bucage, 2—Celeste, 12—Cabeça d'aguia, 14 (Todas).*

*Celeste*— Não ha razão para o seu protesto. A contagem está certa, pode vir verificál-a. Se teem mais decifrações a culpa não é nossa, pode, mesmo, nem ser dos seus auctores; alem disso os decifradores ficam, em taes casos em egualdade de probabilidades.

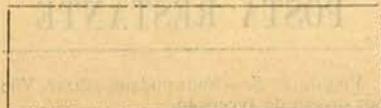
No proximo numero daremos as decifrações e lista dos decifradores do numero 41 e 42.

**Charadas**

**Novissimas**

Do alto distingui o pronome no rio-1-1-1.

PANASCAS



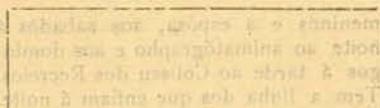
Já com esta são duas vezes que te pergunto em que sitio está a formiga-1-2.

AQUIQUI



Papa-moscas que temos da Arabia-2-2.

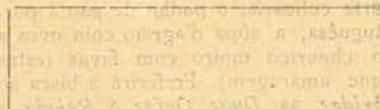
ZIUL



**Biforme**

A cidade do papalvo-3.

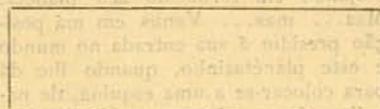
THE CHILD



**Electrica**

Auxiliem este paiz-3.

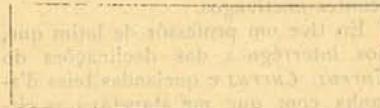
PUMPUM



**Dupla**

Vem do céu o honiem-3

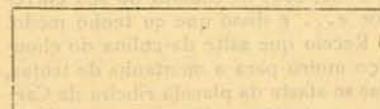
SAGEDAS



**Reduzida**

O labor-3  
- ba -  
Armadiilha-2

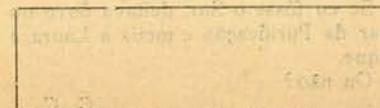
LAVAREDAS



**Paronyma**

N'este instante reúne-se a assembléa do povo grego-3.

EL-FULO

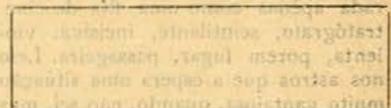


**Enygmas**

**Typographico**

H U

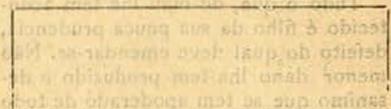
SENSITIVA



Q C F S M P O C

1 1 3 1 3 2 1 2

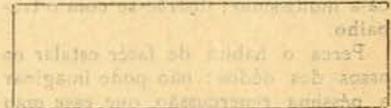
CABEÇA D'AGUIA



N S D Q P A M

1 2 2 1 2 1 3

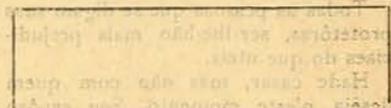
J. P.



T O P G D S N

2 1 4 2 1 1 2

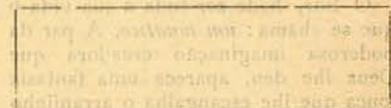
J. P.



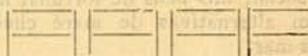
A C H N H P F

1 1 3 1 1 2 3

J. P.

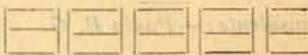
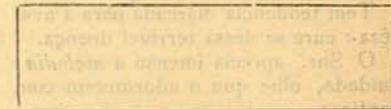


**De palitos**



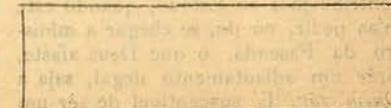
Tirando 9 palitos fica uma flôr.

OJUARA



Tirando 11 palitos fica uma dança.

J. P.



Artigos a decifrar 15.

R. Xavier da Silva  
Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
CLINICA GERAL  
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

LUZ KITSON  
Petroleo por incandescencia  
A mais brilhante, a mais economica  
Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, succes-  
sor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

MOTORES DE AR QUENTE  
Para tirar agua, substituindo com vantagem  
as noras e os moinhos de vento, L. M. LILLY Suc-  
cessor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, —D. Lisboa.

A. P. FERRAZ  
Chapeus para senhora e creanças  
RUA DO OURO, 231  
(Primeiro quartelão vindo do Rocio)

Grande Deposito  
DE  
MOVEIS DE FERRO  
E  
Colchoaria  
DE  
JOSÉ A. DE C. GODINHO  
54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

# RECORDAÇÕES DA NAZARETH

## VALSA

por Guilhermina do Piedade Pereira  
(de Santarém)

PIANO

*1.º de valsa*  
*molte express.*

*Piu vivo*

*Gracioso*

*DC. al.º até.º*

*f*

*vivo*

*sf* *risoluto*

*DC. al.º até.º*